

Editorial

Investigação-ação nas Práticas Artísticas e Profissionais, Tempo Livre e Saúde Ocupacional

Ser livre é ser autodeterminado, dizia Kant, lembrando que o sujeito é sempre livre, apesar de viver acorrentado em mundos divididos e distintos. Na convicção de que a Investigação-Ação Participativa permite aventuras, revelações e transformações por esses mundos, propomos aos leitores narrativas de *Práticas Profissionais, Tempo Livre e Saúde Ocupacional* que não são somente um transmissor obediente do significado da investigação, mas antes nos questionam sobre a nossa identidade pessoal, social e cultural. Neste desígnio, parece necessário um conhecimento que ajude a compreender que os tempos em educação não se remetem à escolarização e nem somente à prática em sala de aula, mas também às relações e performances artísticas, de sociabilidade e solidariedade com a comunidade, em que coexistem diferentes atores e agentes socioeducativos. Se o leitor recordar a sua própria educação, certamente se lembrará das horas de recreio, de convívio em encontros científicos, em concertos, no cinema, no teatro, numa exposição ou num museu e, assim, da imensa quantidade de aprendizagens que fez em tantos lugares outros, nos seus tempos livres.

Hugo Monteiro abre este número com um texto ‘soberbo’ de apelo à nossa sensibilidade, para nos questionar sobre “uma Investigação-Ação Participativa que não se desligue de uma história da desobediência. Ante as desigualdades estruturais, perante as condições mais iníquas, virar a história do avesso é reinventar a marcha do tempo, cumprindo o direito à educação, o direito a falar por si mesmo/a e a construir os moldes do seu próprio processo de conhecimento. Educar, intervir socialmente, é corresponder à complexidade de um mundo que não fornece chaves de leitura para as suas injustiças”. Um texto produzido no ano em que se comemoram os 50 anos do 25 de Abril, não podia deixar de convocar a herança de maio de 68 que, tal como toda a história das grandes movimentações de reivindicação cidadã, nos impele a lutar pelas nossas utopias.

Pedro Duarte e Ana Moreira propõem uma reflexão conceptual que procura evidenciar o cruzamento possível entre a investigação-ação e a gestão educativa enquanto prática profissional: uma IA comprometida, entendida como preocupação que facilite a compreensão multiperspetivada das diferentes realidades sociais e profissionais; uma escuta atenta que fortaleça as agendas pessoais, organizacionais e coletivas.

Paulo Bulhões brinda-nos com uma Investigação-Ação Participativa com crianças e adultos nos espaços de recreio. Propõe-nos pensar o significado do tempo livre, no intervalo da prática letiva, no recreio, não só como direito e momento de brincadeiras lúdico-expressivas, mas como possibilidade de compreender e ampliar o nosso conhecimento sobre as culturas da infância na corrida contra o tempo. Independentemente das experiências realizadas nos ateliers de tempos livres, os recreios são sempre espaços privilegiados que suscitam aventuras, interações, sonhos, desejos, dimensões sensíveis e em parte indizíveis.

Rosa Barros e Nuno Peixoto dão-nos a conhecer o projeto “Fazer Música em Família”, lembrando o desafio que se coloca aos investigadores e educadores nos projetos que envolvem a Investigação-Ação Participativa, na medida em que é no trabalho com as pessoas e não para elas que toda a ação educativa se deve desenvolver. Para estes autores a música é prática social, que contagia com alegria. É a possibilidade de valorizar as rotinas de sociabilidade, o carinho e a generosidade que as formas de arte permitem ao fortalecer as relações intergeracionais. Um dos papéis dos educadores/professores de música é ajudar a abrir caminhos de descoberta e entusiasmo cultural e relacional. O incentivo ao usufruto das possibilidades sonoras, que a música propicia, aliado à liberdade de escolha no Tempo Livre, pode ser um desses caminhos!

Ana Luísa Almeida e Daniela Rocha dão-nos a conhecer o projeto *Estar na Minha Pele*, desenvolvido na *Associação Somos Nós*. Num processo conturbado, convocam o Teatro-Fórum, uma das modalidades do Teatro do Oprimido, para nos lembrar que a Investigação-Ação Participativa recusa deixar conforto, tapar os ouvidos ante os gritos torturados que no nosso interior se debatem em dor. É preciso procurar consolo e ele pode aparecer pela palavra, pelo diálogo, se não temer a transformação: feridas quase curadas; antagonismos em fase de superação pela alegria e pela esperança. Não é possível ‘varrer para debaixo do tapete’ os conflitos (internos e externos), as mágoas e o destino. Não é possível ignorá-los, ceder ao seu intuito, mas é possível perceber a sua complexidade, o seu significado no jogo dramático, na representação com os outros experimentando diferentes papéis.

Sónia Barbosa explora o potencial do teatro amador como espaço de liberdade e desenvolvimento pessoal e artístico, como espaço lúdico onde as pessoas se encontram e encontram o seu Eu criativo. Um ensaio, na dupla aceção da palavra, que reflete sobre as afinidades entre a *Artistic-Based Research* e a metodologia da investigação-ação, enfatizando o processo de envolvimento do investigador (do artista) de forma ativa no processo de criação de conhecimento em que se realça a experiência, a reflexividade e o potencial transformador das práticas investigativas. Trata-se de um texto inovador e refrescante, quer do ponto de vista conceptual, quer artístico, quer metodológico, em que os pressupostos da investigação-ação estão sempre presentes, deslizando de forma subtil pela narrativa escrita e visual.

Susana Lopes, numa lógica de trabalho de projeto sustentado nas características da Investigação-Ação, reflete sobre a formação de professores no ensino superior e os usos sociais das artes visuais. Para que a leitura e arte sob todas as formas tenha lugar nas nossas vidas e em particular das crianças, temos de investigar, temos de nos revoltar e esclarecer, temos de estar obrigados a defender as artes e as letras sem a obrigação de fornecer provas de rentabilidade e utilitarismo de ‘vistas curtas’.

Boas leituras!

Maria José Araújo¹ [<https://orcid.org/0000-0002-2242-1258>] & Ruth Sampaio²
[<https://orcid.org/0000-0002-3645-9185>]

¹CIPEM | INET-md ESE P. Porto, Portugal. Email: mjosearaujo@gmail.com

²Escola Superior de Educação do P. Porto, Portugal. Email: ruthsampaio@ese.ipp.pt

Editorial

Action-Research in Artistic and Professional Practices, Leisure Time, and Occupational Health"

"To be free is to be self-determined," Kant said, reminding us that the subject is always free, despite living chained in divided and distinct worlds. Believing that Participatory Action Research allows for adventures, revelations, and transformations across these worlds, we offer readers narratives of *Professional Practices, Leisure Time, and Occupational Health* that are not merely obedient transmitters of the meaning of research but instead challenge us to reflect on our personal, social, and cultural identity.

In this endeavour, it seems necessary to develop a type of knowledge that helps us understand that time in education is not confined to schooling or limited solely to classroom practices but also encompasses relationships, artistic performances, sociability, and solidarity within the community, where different actors and socio-educational agents coexist. If the reader recalls his/her own education, he/she will likely remember recess hours, moments of connection during scientific meetings, concerts, cinema, theater, exhibitions, or museum visits, and thus the immense amount of learning that took place in so many other spaces, during his/her free time.

Hugo Monteiro opens this issue with a 'superb' text that appeals to our sensitivity, urging us to reflect on "a Participatory Action Research that is not disconnected from a history of disobedience. Faced with structural inequalities and the most unjust conditions, turning history inside out is about reinventing the march of time, fulfilling the right to education, the right to speak for oneself, and to shape one's own process of knowledge. To educate and to intervene socially is to respond to the complexity of a world that does not provide interpretive keys to its injustices."

A text produced in the year celebrating the 50th anniversary of the April 25th Revolution could not fail to invoke the legacy of May 1968, which, like the entire history of major movements for citizen claims, urges us to fight for our utopias.

Pedro Duarte and Ana Moreira propose a conceptual reflection that seeks to highlight the possible intersection between action-research and educational management as a professional practice: a committed action-research, understood as a concern that facilitates a multi-perspective understanding of different social and professional realities; a careful listening that strengthens personal, organizational, and collective agendas.

Paulo Bulhões presents us with Participatory Action Research involving children and adults in playground spaces. He invites us to think about the meaning of free time, during the break of teaching practice, in the playground—not only as a right and a moment for playful-expressive activities but also as an opportunity to understand and expand our knowledge about childhood cultures in the race against time. Regardless of the experiences carried out in leisure-time workshops, playgrounds are always privileged spaces that spark adventures, interactions, dreams, desires, sensitive dimensions, and, in part, the unspeakable.

Rosa Barros and Nuno Peixoto introduce us to the project “Making Music as a Family”, reminding us of the challenge faced by researchers and educators in Participatory Action Research projects. They emphasize that all educational action must develop with people, not for them. For these authors, music is a social practice that spreads joy. It offers the possibility of valuing routines of sociability, affection, and generosity that forms of art foster by strengthening intergenerational relationships. One of the roles of music educators/teachers is to help open pathways to cultural and relational discovery and enthusiasm. Encouraging the enjoyment of the sound possibilities provided by music, combined with the freedom of choice during leisure time, can be one of these pathways!

Ana Luísa Almeida and Daniela Rocha present the project Being in My Skin, developed at the Somos Nós Association. Through a turbulent process, they turn to Forum Theatre, one of the modalities of the Theatre of the Oppressed, to remind us that Participatory Action Research refuses to leave comfort zones or to cover our ears to the tortured cries of inner pain. Consolation must be sought, and it may appear through words, dialogue, and the courage to embrace transformation: wounds nearly healed, antagonisms in phases of resolution through joy and hope. Conflicts (internal and external), sorrows, and destiny cannot be ‘swept under the rug.’ They cannot be ignored or succumbed to, but they can be understood in their complexity and meaning through the dramatic game, the representation alongside others, and the exploration of different roles.

Sónia Barbosa explores the potential of amateur theatre as a space for freedom and personal and artistic development—a playful space where people meet and discover their creative selves. Her essay, in both senses of the word, reflects on the affinities between Artistic-Based Research and the methodology of action-research, emphasizing the active involvement of the researcher (or artist) in the process of creating knowledge. This knowledge is grounded in experience, reflexivity, and the transformative potential of investigative practices. The text is innovative and refreshing from a conceptual, artistic, and methodological perspective, with the principles of action-research subtly interwoven throughout the written and visual narrative.

Susana Lopes, adopting a project-based approach sustained by the characteristics of Action Research, reflects on teacher training in higher education and the social uses of visual arts. For reading and art in all their forms to have a place in our lives, particularly in the lives of children, we must investigate, revolt, and clarify. We must commit to defending the arts and humanities without being obliged to provide evidence of short-sighted profitability or utilitarianism.

Happy readings!

Maria José Araújo¹ [<https://orcid.org/0000-0002-2242-1258>] & Ruth Sampaio²
[<https://orcid.org/0000-0002-3645-9185>]

¹CIPEM | INET-md ESE P. Porto, Portugal. Email: mjosearaujo@gmail.com

²Escola Superior de Educação do P. Porto, Portugal. Email: ruthsampaio@ese.ipp.pt